7 Referências bibliográficas

ABREU, Regina; CHAGAS, Mario de Souza & SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (Orgs.). **Museus, Coleções e Patrimônios: narrativas polifônicas.** Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2007.

ANDREIUOLO, Beatriz. A Ação e o Contar Histórias no Pensamento de Hannah Arendt. Orientador: Eduardo Jardim de Moraes. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Filosofia, 2005.

ARENDT, Hannah. **Homens em Tempos Sombrios.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARENDT, Hannah. A Dignidade da Política: ensaios e conferências. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

AUGRAS, Monique. **O Ser da Compreensão.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

AUGRAS, Monique. Psicologia e Cultura. Rio de Janeiro: Nau, 1995.

AUGRAS, Monique. **Todos os Santos são Bem-vindos.** Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARRETO, Lima. **Coleção Melhores Crônicas.** Seleção e prefácio Beatriz Resende. São Paulo: Global, 2005.

BARROS, Manoel de. **Ensaios Fotográficos.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003.

BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação.** São Paulo: Summus, 1984.

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Obras Escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. **Obras Escolhidas** I. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão Única. Obras Escolhidas II**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BENJAMIN, Walter. **Passagens.** Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BRANDÃO, Junito. **Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia e da Religião Romana.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

BRECHT, Bertold. **Poemas 1913-1956.** Seleção e tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Editora 34, 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003a.

BOSI, Ecléa. Velhos Amigos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003b.

CALVINO, Italo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTRO, Lucia & JOBIM E SOUZA, Solange. **Desenvolvimento Humano e Questões para um Final de Século: tempo, história e memória**. Psicologia Clínica. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Centro de Teologia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, vol. 6, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CHAGAS, Mario de Souza. Museu, literatura, memória e coleção. In: LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brittes & MORAES, Nilson Alves de

(Orgs.). **Memória e Construções de Identidades.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

CHAGAS, Mario de Souza. Casas e portas da memória e do patrimônio. In: GONDAR, Jô & DODEBEI, Vera (Orgs.). **O que é Memória Social?** Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

CHAGAS, Mario de Souza. Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação. **Educação Patrimonial**, Revista Eletrônica do Iphan, v.3, jan.-fev. 2006.

CHAVES, Stella Matutina. **Cantinho da Saudade.** GENTIL, Aloysius; LACERDA, Ani; CHAGAS, Áurea; CÔRTES, Gabriel; ROCHA, Nádia (Orgs). Inhapim, MG: Editora Oficina de Idéias, 2007.

FOX, Mem. **Guilherme Augusto Araújo Fernandes**. São Paulo: Brinque-Book, 1995.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete Aulas sobre Linguagem, Memória e História.** Rio de Janeiro: Imago, 2005.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar Escrever Esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GALEANO, Eduardo. **Vozes e Crônicas: Che e outras histórias.** São Paulo: Global, 1978.

GALEANO, Eduardo. As Palavras Andantes. Porto Alegre: L&PM, 1994.

GALEANO, Eduardo. O Livro dos Abraços. Porto Alegre: L&PM, 1995.

GIARD, Luce. Artes de Nutrir. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce & MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinhar.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

GUSMÃO, Denise Sampaio. Formação do profissional de creche: dialogando com auxiliares e berçaristas. In: KRAMER, Sonia *et al.* (Orgs.). **Educação Infantil em Curso**. Rio de Janeiro: Ravil, 1997.

GUSMÃO, Denise Sampaio. Por uma Estética da Delicadeza: ressignificando contos e imagens nas roças de Minas. Orientadora: Solange Jobim e Souza. Rio de Janeiro: PUC/RJ, Departamento de Psicologia, 2004.

GUSMÃO, Denise Sampaio & JOBIM E SOUZA, Solange. A estética da delicadeza nas roças de Minas: sobre a memória e a fotografia como estratégia de pesquisa-intervenção. **Psicologia & Sociedade**, 20, edição especial, 2008. p.24-31.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2004.

JOBIM E SOUZA, Solange. Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. Campinas: Papirus, 1995.

JOBIM E SOUZA, Solange (Org.). Subjetividade em Questão: a infância como crítica da cultura. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

JOBIM E SOUZA, Solange (Org.). Educação e Pós-Modernidade: crônicas do cotidiano e ficções científicas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003 a.

JOBIM E SOUZA, Solange. Por uma leitura estética do cotidiano ou a estética do olhar. In: KRAMER, Sonia & JOBIM E SOUZA, Solange (Orgs.). Histórias de Professores: leitura, escrita e pesquisa em educação. São Paulo: Ática, 2003b.

KONDER, Leandro. Walter Benjamin: o marxismo da melancolia. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

KOSSOY, Boris. Fotografia e História. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. **Realidade e Ficções na Trama Fotográfica.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

KOSSOY, Boris. **Os Tempos da Fotografia: o efêmero e o perpétuo.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

KRAMER, Sonia. **Por Entre as Pedras: arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 1994.

KRAMER, Sonia. Produção cultural e educação: algumas reflexões críticas sobre educar com museu. In: KRAMER, Sonia & LEITE, Maria Isabel (Orgs.). **Infância e Produção Cultural**. Campinas: Papirus, 1998.

KRAMER, Sonia. Infância, cultura e educação: desafios e possibilidades hoje. In: PAIVA, Aparecida; EVANGELISTA, Aracy; PAULINO, Graça & VERSIANI, Zélia (Orgs.). **No Fim do Século: a diversidade – o jogo do livro infantil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LARROSA, Jorge. O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In: Larrosa, Jorge & DE LARA, Nuria (Orgs.). **Imagens do Outro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LEVI, Primo. É isto um Homem? Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LEVI, Primo. A Trégua. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LOPES, Ana Elizabeth. Artes visuais e os diferentes modos de ver. In: JOBIM E SOUZA, S. (Org.). Educação @ Pós-Modernidade: ficções científicas e crônicas do cotidiano. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

LÖWY, Michael. Walter Benjamin: um aviso de incêndio – uma leitura das teses "Sobre o conceito de história." São Paulo: Boitempo, 2005.

MACIEL, Maria Esther. **A Memória das Coisas**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

MENEZES, Adélia Bezerra. **Do Poder da Palavra: ensaios de literatura e psicanálise**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

MIRANDA, Danilo Santos de (Org). **Memória e Cultura: a importância da memória na formação cultural humana**. São Paulo: Sesc, 2007.

NUNES, Lygia Bojunga. Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

PASOLINI, Pier Paolo. **Os Jovens Infelizes.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p.200-212, 1992.

RICOEUR, PAUL. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROUANET, Sergio Paulo. Édipo e o Anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1990.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

ROSA, João Guimarães. **Ave, Palavra.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001a.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: veredas.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001b.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Missão do Ministério da Cultura**. Rio de Janeiro: Edições Fundo Nacional de Cultura, 2001.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva e Teoria Social.** São Paulo: Annablume, 2003.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A Escrita do passado em museus históricos.** Rio de Janeiro: Garamond; Minc/Iphan/DEMU, 2006.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. **Ler o Livro do Mundo.** São Paulo: Iluminuras, 1999.

SELIGMANN-SILVA, Marcio (Org.). **História, Memória, Literatura: o testemunho na era das catástrofes.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Marcio (Org.). **Leituras de Walter Benjamin**. São Paulo: Fapes, Annablume, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. Narrar o Trauma: a Questão dos testemunhos de catástrofes históricas. Psicologia Clínica. Rio de Janeiro. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Centro de Teologia e Ciências Humanas. Departamento de Psicologia, vol. 20.1, 2008.

SILVA, Eduardo. Dom Obá d'África, o príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SILVA, Paulo Roberto Paranhos da. **História do Rio de Janeiro: os tempos cariocas.** Teresópolis, RJ: Zem 2008.

SPALDING, Tassilo Orfheu. **Dicionário da Mitologia Latina**. São Paulo: Cultrix, 1991.

SOUZA, Maria de Lourdes. **Dicionário de Lembranças**. Rio de Janeiro: Contemporânea, 1998.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

THOMPSON, Paul. Histórias de vida como patrimônio da humanidade. In: WORCMAN, Karen & PEREIRA, Jesus Vásquez (Orgs.). **História Falada:** memória, rede e mudança social. São Paulo: Sesc-SP: Museu da Pessoa, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In: VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

8 Anexos

8.1 Carta convite da Flipinha





Paraty, 05 de junho de 2007.

À

Associação Comunitária do Córrego dos Januários

Ref.: Carta convite FLIPINHA 2007

Prezados Senhores,

A Associação Casa Azul teve acesso ao trabalho realizado por Maria de Lourdes Souza, escritora, estudante de Letras PUC-Rio, estagiária da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio, e Denise Sampaio Gusmão, mestre e doutoranda em psicologia clínica pela PUC-Rio sob a orientação de Solange Jobim e Souza, que trabalham no resgate da memória cultural da Comunidade do Córrego dos Januários na cidade de Inhapim, interior de Minas Gerais. Além disso, desenvolvem ações de incentivo à leitura junto às crianças e adolescentes com o Projeto "Contos e Imagens do Córrego dos Januários". O projeto, vinculado à Associação Comunitária do Córrego dos Januários, da qual Maria de Lourdes Souza é gerente administrativa, tem o apoio da Secretaria de Educação Municipal local.

Por causa do trabalho de educação patrimonial, valorização da memória e expansão dos horizontes culturais da comunidade, abrimos espaço ao "Contos e Imagens do Córrego dos Januários" dentro das atividades do "Arte na Praça", evento integrante da V Festa Literária Internacional de *Paraty* -FLIP. Em 2007 o autor homenageado é o escritor Nelson Rodrigues e a programação reunirá cerca de 40 autores nacionais e estrangeiros. A FLIP acontece entre os dias 4 e 8 de julho de 2007.

Atenciosamente

Cristina Maseda Coordenação Geral Programa Educativo Cirandas de *Paraty* Flipinha - Programação Infantil e Juvenil



8.2 Anexos do evento PUC PELA PAZ

8.2.1 Carta convite



Rio de Janeiro, 05 de outubro de 2007.

À Associação Comunitária do Córrego dos Januários

Prezados Senhores.

Nos dias 12,13 e 14 de novembro de 2007, na Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, será realizado o evento "PUC PELA PAZ-Universidade a Serviço da Sociedade".

Este evento vem sendo organizado em parceria entre diversos setores da Universidade e instituições externas a esta, mas que com ela colaboram na construção de uma reflexão sobre a questão da violência que assola a sociedade moderna.

Assim sendo, o PUC PELA PAZ tem como Proposição Central a seguinte premissa:

"A violência é um dos mais graves problemas que aflige a humanidade hoje em dia. A universidade, centro de produção de saber e espaço de crítica e serviço à sociedade, não pode ficar indiferente a tal estado de coisas. Nessas condições, o evento 'PUC PELA PAZ-Universidade a Serviço da Sociedade' busca mobilizar a Comunidade PUC/Rio - alunos, professores, funcionários, ex-alunos, exprofessores, funcionários aposentados, etc. - em torno da luta pela paz, em diálogo com universidades, movimentos sociais, religiões, governos e com cada um de nôs mesmos, pela construção de uma alternativa para o efetivo enfrentamento da violência, produzida a maior repercussão possível da iniciativa junto à sociedade brasileira".

Por meio de painéis que acontecerão no campus da Universidade os quais reunirão representantes de Universidades, Religiões, Governo e Movimentos Sociais pretende-se realizar uma ampla discussão sobre a questão da violência e a construção da paz. Em paralelo, atividades culturais estarão acontecendo para promoção da reflexão sobre os mesmos temas, aqui abordados de forma lúdica e em sua expressão artística.

Assim, vimos convidar o **Projeto Carta Para-ti**, desenvolvido por Denise Sampaio Gusmão (doutoranda em psicologia pela PUC-Rio) e Maria de Lourdes Souza (aluna de graduação em Letras e estagiária da Cátedra UNESCO de Leitura, PUC-Rio), para participar do evento acima citado. Para tanto, a Comissão Organizadora já está mantendo contatos periódicos com a coordenação do projeto, de modo a programar sua participação. Também é propicio informar que para viabilizar a participação do Projeto Carta Para-ti serão concedidas 04 (quatro) passagens Dom Cavati/Rio/Dom Cavati.

Decanato do CTCH Coordenadora Setorial de Desenvolvimento Rua Marqués de São Vicente, 225 - Gávea - 22453-900 Rio de Janeiro - RJ - Tel. (021) 3527-1021 FAX (021) 3527-1296

8.2.2 Folder



Figura 248 - Folder do evento PUC PELA PAZ

8.3 Anexos da Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários

8.3.1 Estandartes

Era uma vez o Córregos dos Januários...



Brenno, Denise, Deborah, Agenor, Deodato e Claudia

ESTA HISTÓRIA COMEÇA COM O DESEJO de Toquinha em registrar casas, histórias e costumes ameaçados de desaparecer do Córrego dos Januários e que envolve os próprios moradores e um grupo do Rio de Janeiro, apaixonado por fotografia, vídeo, literatura e história, que se encanta com a beleza dos contos e das imagens desta pequena roça das Minas Gerais.

No final de abril de 2001, eu, Denise Gusmão, e um grupo de amigos composto por Claudia Bandeira (historiadora e educadora), Deborah Alexander (analista de sistemas), Deodato Rivera (escritor e filósofo) e Brenno de Britto (cinegrafista), viajamos a Inhapim para nos juntar à Toquinha em busca do registro da memória do Córrego dos Januários que parecia lentamente estar escapando dali.

Toquinha organizou com a comunidade um fim de semana de reencontro com as tradições. No sábado, logo que amanheceu, percebemos que a quietude do vale começava rapidamente a se transformar. Muitas pessoas da família de Toquinha moram em outras cidades das redondezas e vieram para o Córrego dos Januários participar das atividades. Toquinha ficou muito feliz com o envolvimento de todos, pois muito do que iríamos viver ali naqueles dois dias já não acontecia há muito tempo.



Figura 249 - Estandarte "Era uma vez o Córrego dos Januários" - frente



NESSES DOIS DIAS REGISTRAMOS a fornada de broas, a contação de histórias do Seu Agenor debaixo da mangueira, as danças e cantigas de roda em que os mais velhos lembram os mais novos de versos e rimas diante dos olhares encantados das crianças em verem adultos também brincando de roda. Assistimos a D. Silvia contar para a comunidade a história do lugar, de como chegaram e como viviam os pioneiros. Para ilustrar a sua narrativa, ela mostrava objetos antigos como as cumbucas de coité e as lamparinas com óleo de mamona. D. Hilda, que quase nunca sai de casa, veio mostrar a todos como se fiava algodão -- imagem de uma beleza poética difícil de captar e de esquecer.

A FORNADA DE BROAS NO FORNO de barro foi linda. As mulheres mais velhas reunidas, em clima de celebração, iam fazendo a massa das broas e dos biscoitos de polvilho, lembrando de histórias antigas das festas de casamento, quando era tão comum este ritual. Encantados pelo fogo e pelas forminhas de folha de bananeira que aprendemos a fazer para ajudá-las a colocar a massa, tentávamos captar as belas imagens que iam se desenhando. Observando aquela cena se desenrolar diante do olhar das crianças e das mulheres mais jovens, que viam aquela tradição pela primeira vez, pensava que aquele ritual possibilitava o encontro, a partilha de histórias e experiências que, se não fossem narradas, corriam o risco de se perder.



Hilda fiando algodão







 ${f E}$ TEVE AINDA O FORRÓ, regado a muita broa e café, com a música dos velhos violeiros da região. Não podíamos sequer sonhar que a quietude daquele vale guardasse tantas tradições e beleza, tanta pulsação...









Figura 250 - Estandarte "Era uma vez o Córrego dos Januários" - verso

Agenor, o contador de histórias



"Esse homem, ou mulher, está grávido de muíra gente. Gente que sai por seus poros.

Assim mostram, em figuras de barro, os indios do Novo México:
o narrador, o que conta a memória coletiva, está todo brotado de pessoinhas."

Paixão de Dizer/2 - Eduardo Galeano



Seu Agenor: Aí a gente falava, ô gente, vamos acender um fogo aqui na rua e vamos contar uma história? Vamos. E aquele que não trouxer um pau de lenha não quenta fogo não. (risos) Aí cada um corria lá, saía com um cavaco, um pau de lenha, e a gente fazia aquela fogueira ali no meio da rua assim, e começava contar história. Com pouco mais tava assim de homem, homem velho. Aí começava: vamos contar a história pr'ocêis disso assim assim, e começava. E aquilo ia

longe, era bom demais. Aí quando dava ali as nove, dez horas, todo mundo falava assim, Nhonhô, compadre Zé Pedrim, vamos dormir agora. E todo mundo ia embora. E quase todo dia era assim, bobo. Não tinha confusão, não tinha nada. Era mesmo aquele prazer de ficar contando história ali, era beleza mesmo.

Denise: Isso era aqui? Aqui em Inhapim, mesmo?

Seu Agenor: Não. Era lá no São Domingos das Dores. Nesse tempo nós éramos rapaziadinha nova, né? Meninadinha de assim dez, doze anos, quatorze anos. Aí nós nos juntávamos contando umas histórias, ali nas lojas, nas vendas. Vamos acender um fogo e vamos contar umas histórias. Cada um conta história, mas cada um tem que trazer um pau de lenha.

Denise: Muito bom isso. Muito bom!

Seu Agenor: Aí cada um trazia um cavaco, um pau de lenha lá, e nós fazíamos aquela fogueira e com pouco mais aquilo tava duro de homem em pé, de roda, aí eles começavam a contar também. Aqueles homem começavam a contar uma história pra nós. Aquilo ia longe...

Denise: Quer dizer que desde aí o senhor já contava história. Começou a contar história.

Seu Agenor: É. Comecei a contar história. Aí nós começamos a aprender. Aqueles homens contavam pra nós, nós famos aprendendo e começava a contar.



Figura 251 - Estandarte "Agenor, o Contador de Histórias"

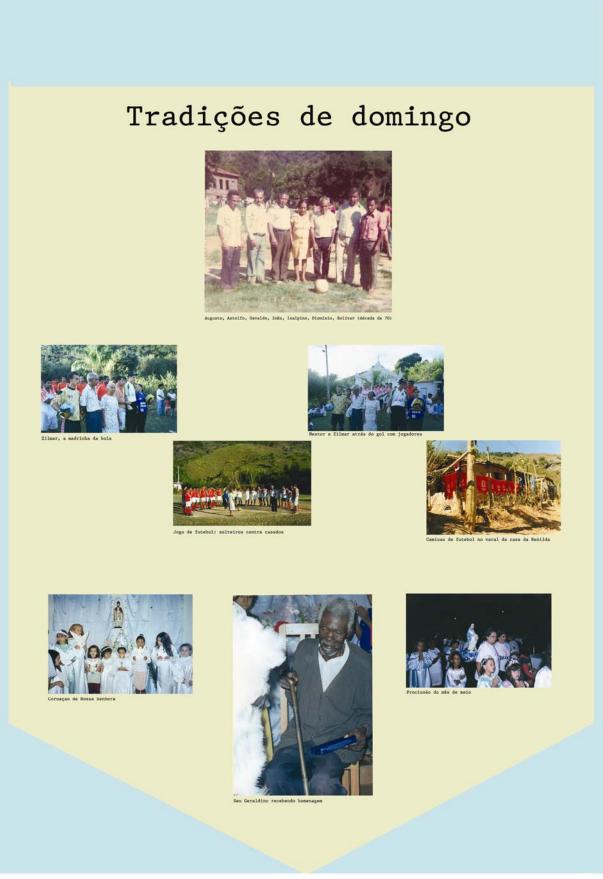


Figura 252 - Estandarte "Tradições de Domingo"

Lembranças de Tapera



O CONTO DE TOQUINHA, INSPIRADO em Tia Fiinha "Felicidades, um passeio à beira mar", nos guiou até aqui principalmente para registrar a tapera de Tia Fiinha ameaçada de ruir. Fotografamos a casa, e agora ela seria realmente derrubada, pois já estava muito arriada, quase caindo. Uma tristeza profunda tomou conta de Toquinha: era a dor pela tapera deixar de existir.

"Os companheiros da moça estranharam seu silêncio; há tempos não a viam assim. Mas ninguém sabia que a tristeza dela era por conta de uma tapera cheia de histórias, num lugar longe dali, que mais dia menos dia ia virar poeira misturada com saudade. (...)O tempo todo ficava entre a tapera e a palavra, entre a tapera e o sentimento, entre a antiga tapera e o sonho. E quem diría que um monte de pau trançado, amarrado com cipó coberto de barro sem pintura nem nada, só tingido de barro branco branco branco causaria

tanto destempero"

Maria de Lourdes Souza, trechos do conto inédito Lembranças de Tapera.

"_Por que a senhora não pede pra Seu Luiz fazer uma casa nova? Essa tá muito velhinha. Parece que quer cair.

Nem pensá, minha fia. Eu tenho medo de dismanchá essa tapera que foi de minha vó, e minha alegria morrê com ela. Minha irmã dismanchô a casa véia, feiz uma casa nova e eu acho, cá pra mim, que a felicidade dela morreu de tristeza.

Minina Juliana, a felicidade pra mim é que nem um passarinho. Se ela posar na sua janela, ocê dé de comê pra ela, tomá conta dela, passado uns tempo, tá que nem um vivero. Uma felicidade chama a outra e vai assim toda vida. Mas se ocê num cuidá, ela vem um dia, faia dois. Vem notro dia e faia treis. Até que cansa e vai simbora. Eu sempre fui feliz aqui, com as coisa que tenho. Eu fiz o meu vivero. Vorta-e-meia aparece um fiotinho novo da tal felicidade. Quando ocê crescê pode tê um que nem o meu. É só tê carinho e amô no

Maria de Lourdes Souza, do livro Dicionário de Lembranças.





Dorvalina: A gente chegava lá ela sempre tinha uma broinha na panela, um doce de mamão... E ela era assim, qualquer pessoa que chegava lá era aquele jeito de tratar. E, minha filha, ela largava o que tava fazendo lá pra vir conversar com a gente. Era bom demais, né?

> A TAPERA HOJE NÃO EXISTE mais. No entanto, ao escavarmos as ruínas da tapera, fomos encontrando seus clamores e significados esquecidos. Para muitos da família Januário, a tapera de Tia Fiinha significava abrigo, acolhimento, encontro. Compreendemos então com Tia Fiinha e o monge do poeta Manoel de Barros que era preciso conceber nossa casa de memória e cultura ao jeito de tapera.

"Um monge descabelado me disse no caminho: Eu queria construir uma ruína. Embora eu saiba que ruína é uma desconstrução. Minha idéía era de fazer alguma coisa ao jeito de tapera. Alguma coisa que servisse para abrigar o abandono, como as taperas abrigam.

Porque o abandono pode expressão que tenha ou mesmo de uma palavra sem ninguém dentro.



entrado para o arcaico Uma palavra que esteja (O olho do monge estava

perto de ser um canto.) Continuou: digamos a palavra AMOR. A palavra amor está quase vazia. Não tem gente dentro dela. Queria construir uma ruína para a palavra amor. Talvez ela renascesse das ruínas, como o lírio pode nascer de um monturo.

> E o monge se calou descabelado." Manoel de Barros_ Ruína

Figura 253 - Estandartes "Lembranças de Tapera" - frente

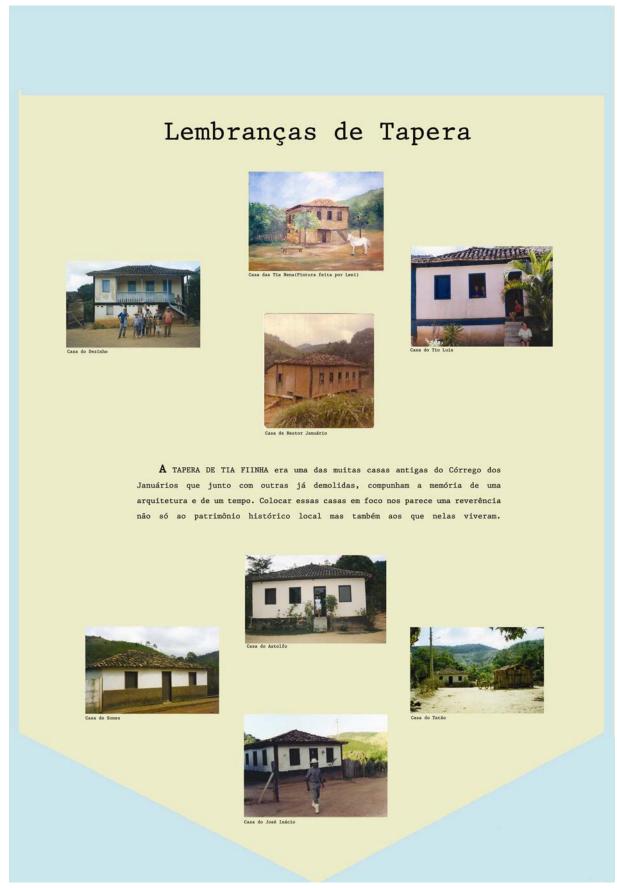


Figura 254 - Estandarte "Lembranças de Tapera" - verso

O Varal de Contos e Imagens



"Uma coleção de histórias culturais, e especialmente de histórias de família, é considerada tão necessária para uma vida longa e saudável como uma alimentação razoúvel, trabalho e relacionamentos razoúveis. A vida de um guardião de histórias é uma combinação de pesquisador, curandeiro, especialista em linguagem simbólica, narrador de histórias, inspirador, interlocutor de Deus e viajante do tempo."

Clarissa Pinkola Estes

 ${f N}$ A SEGUNDA VIAGEM QUE FIZ ao Córrego dos Januários, em julho de 2002, reunimos os moradores e apresentamos um varal composto de fotografías feitas por mim na primeira viagem e também de fotos antigas de alguns moradores. O objetivo do varal era fazer uma devolução das imagens e ouvir o que elas evocavam. Memória, fotografia, narrativa e história estavam ali entrelaçadas revelando uma prática metodológica que integra palavra e imagem e busca tecer a história ao mesmo tempo em que a escuta.



Elizete: Ficou chique demais. As fotos estão lindas! As broas tão chiques demais, uai! A Dedé tá chique demais. Engraçado, na hora que tá fazendo, você não imagina que vai ficar tão bonito, depois vira uma história e fica bonito demais. Coisa que a gente até nem via mais. Não pode esquecer mesmo não. A gente não dá muita importância, porque a gente não vê.









Figura 255 - Estandarte "O varal de Contos e Imagens" - frente

AS FOTOS ATUAIS E ANTIGAS provocam nos mais velhos a reflexão sobre a fotografia como elo dos tempos, e sobre a importância da memória e do diálogo com as novas gerações:





Silvia: Ali naquelas fotos tem muitas pessoas que já morreram, da família. Então, é, muito bom, esses trabalhos, essas fotos, é bom demais. Porque aí é recordação que fica. E outra, tem que ter alguém pra conversar com as crianças, pra falar como foi, como era. Porque a gente teve trabalho, por exemplo, o que eu fiz, tá lá no museu do Inhapim, foi uma dificuldade pra gente conseguir. Então é assim, os pais, a família deve conversar com os filhos sobre isso. Muita gente já passou por aqui, cada um teve uma história bonita. Tio Luiz, Tio Chico, papai, Izalino. Esses aqui, cada um teve uma história muito bonita, e tá escondido, né?

Argeu: Senão essas crianças não vão ter uma história pra contar, não vão saber a procedência deles. O Padrinho Nestor era o carpinteiro, Tio Chico era o assador de cabrito, profissional mesmo. O Tio Luiz era o médico, Tio Lucas era o professor. Foi o primeiro professor. As meninas. Tia Dilina. Eu lembro demais. Ficaram ali, e era aquela hospitalidade, onde o povo reunia, a comunidade reunia. Tio Izalino era um homem que sentava com a gente naquela escada, no banco ali, às vezes coisa que papai não falava pra gente, rapaz, uma coisa assim, Tio Izalino explicava pra gente. Quando menino eu convivia com o Tio Izalino, a gente via a qualidade dele na vida da gente. E falando do Tio Izalino, ele era um elemento que acatava os forasteiros, foi o que acolhia as pessoas, Zé Pião, o Terto, Paulista, Sinhaninha, Zé Sati... Então cada um deles tinha a sua qualidade.







Bela: O Argeu falando isso do acolher, eu me lembro naquela casa ali, eu via, não tenho fixo assim, não consigo saber quem era. Eu lembro assim que eu ia ali na casa debaixo, alguém morava ali, uma lembrança forte. Mas eu não sei quem é, se era parente se não era. Morava ali. Então deve ser isso aí que você tá falando, de acolher.

ARGEU LEMBRA ALGO PRECIOSO: a qualidade do ser humano que emerge do coletivo traz a marca de sua diferença no mundo e com ele dialoga. Há nessa fala uma noção de pertencimento, de singularidade, que se vai tornando rara, à medida que nos afastamos uns dos outros, nos isolamos, e não mais ouvimos e compartilhamos a nossa diferença no mundo. Tio Izalino vivia na comunidade e era com ele que Argeu se sentia à vontade para falar. As fotos vão trazendo as qualidades dos que viveram ali. Seus rastros vão sendo lembrados...

A fala de Bela é muito bonita. Ela não se lembra de uma pessoa em especial. Sua reminiscência é a do acolhimento.

Há algo de profundo nos fragmentos narrados. A lembrança dessas qualidades nos põe em contato com a necessidade de, no presente, irmos ao encontro desses valores essenciais que falam de escuta e acolhimento. Esta é uma forma de reverenciar o passado, de seguir seus rastros...Penso que perderíamos todos nós, não só os moradores, se o povo do Córrego dos Januários se esquecesse de si, de sua história, de seus valores, deixando de expressar também sua qualidade, sua possibilidade diferenciada de existir no mundo.

Figura 256 - Estandarte "O varal de Contos e Imagens" - verso

Cesto de memória



O PROCESSO DE ESCAVAÇÃO, que se dava nas oficinas e conversas com os moradores, também acontecia de forma inesperada, fruto da rede que se articulava cada vez mais. Isto ficou evidente com o aparecimento dos versos do Zé Chico (na véspera do Domingo de Páscoa era tradição, no Córrego dos Januários, fazer um boneco com trapos e cabeça de abóbora, roubar objetos variados e colocar em torno dele no campo de futebol. O boneco, que representava o Judas, ficava exposto o domingo inteiro e à tarde eram declamados versos que mencionavam os moradores de cada casa, geralmente elogiando as moças solteiras, como se tivessem sido escritos pelo próprio boneco. Ao final da leitura dos versos acontecia a malhação do Judas).

Pouco antes de nos reunirmos para uma outra oficina da memória, desta vez com adultos e crianças, Dedé chega à casa de Joversino com um bloco de páginas amareladas pelo tempo, contendo anotações escritas há 25 anos, e que deixaram Toquinha emocionada.

 ${f E}$ RAM VERSOS EM QUE ZÉ CHICO, de forma bem humorada, fazia referência a todos da comunidade. Naquela noite, quando nos reunimos, os versos foram lidos por Dorvalina, irmã de Toquinha:



oquinha recebendo de Dedé os versos scritos por Zé Chico Directort en figui deido
Cur empa lindra dongelo
Cure in cutei falá o orcore
Traile que actelo
Mato essa ruen pougeu
En sansori de in perá:
Ejir pro carinto dissama
Roansigo Bultiras
Argui e interi peratento
Pois o home é pera fima
le salido do nece ancase
Coma gardo doevalina

NOSSA OFICINA DE MEMÓRIA naquela noite de abril de 2003 se inspirou no livro infantil Guilherme Augusto Araújo Fernandes . Nessa história, Guilherme Augusto, através de um cesto de memória, ajuda D. Antônia recuperar sua memória perdida.





Figura 257 - Estandarte "Cesto de Memória" - frente



 ${f D}$ EPOIS DA HISTÓRIA, pedimos que escrevessem os nomes de pessoas importantes nas suas vidas e os colocassem no nosso cesto da memória. A brincadeira de colocar nomes no cesto começa e Sebastião Lau é o primeiro nome a surgir.

Dedé: O Tio Sebastião Lau, acho que ele tá em primeiro lugar aqui na nossa comunidade. Sabe por quê? Porque ele não teve filhos, e ele que doou aquele pedaço de terra ali pra fazer essa casa de escola pro povo estudar. Quantas pessoas estudaram ali! Se tem aquela escola hoje ,agradece a ele. Ele que deu o terreno, não foi, padrinho Zé Barba?

Zé Barba: Deu o terreno e fez a casa.

Dedé: Então, foi uma coisa pra todo mundo. Um exemplo muito bonito que ele deu pra nós.



Mariquinha(em pé) e família

Toquinha: Casa da Vovó Mariquinha. Quem escreveu? Deo? Por que você escreveu casa da Vovó Mariquinha?

Edervânio: Porque eu tinha vontade de conhecer ela, eu não conheci. Então eu coloquei que eu gosto lá da casa dela.

Toquinha: Você não chegou a conhecer a madrinha Mariquinha?

Conceição: A mãe morreu em agosto, e ele nasceu em novembro.

Zé Barba: Ocê lembrou de uma mulher bonita, rapaz. Era muito asseada, eu gostava dela. Ela andava cheirosa, né? Ocê via a comadre Mariquinha ocê até caía no chão... Isso depois que ela tava velha, não era nova não. Ela era caprichosa mesmo com o corpo dela.

Toquinha: A madrinha Mariquinha andava sempre de batom. Pó-de-arroz.

Adélia: A gente ría da Tia Mariquinha. Televisão só lá que tinha e a gente gostava de ver novela. Na hora que juntava muita gente ela falava: vou desligar que tá gastando energia demais.

Toquinha: Geraldino, quem escreveu Geraldino?

Jardel: Eu escrevi porque ele é a pessoa mais velha daqui, e ele contribuiu muito com o crescimento da nossa comunidade. E quando a gente era mais novo ele fazia muita coisa pra ajudar aqui, sabe.

Toquinha: É isso mesmo. Seu Geraldino era o castrador de porco daqui.

Zé Barba: Ele era o pára-raio. Era arrumar fogão, era castrar porco, aplicar injeção. Era tudo enquanto há.

Toquinha: Seu Geraldino nos lembra festa. Na sua casa, aos domingos, as pessoas se reuniam para ouvir música e dançar. Lá se podia beber o café docinho da D. Vita, sua esposa, em pequenas canecas esmaltadas que ficavam guardadas na cristaleira esperando as visitas. Aqueles encontros resultaram em muitos namoros, casamentos, famílias. Deixaram saudade as tardes alegres e os moradores da casa simples e acolhedora que jamais esqueceremos.





NOSSO ENCONTRO TERMINA COM nossa proposta de construir o acervo fotográfico e para isso precisávamos recolher fotos antigas para compor com as fotos atuais. Zé Barba pede para encerrar fazendo uma oração:

''Nós queremos fechar o dia agradecendo a Ele tudo de bom que Ele nos deu, e queremos também comunicar a Ele que o que nós tratamos aqui Ele gosta. Ele gosta de coisa boa, gosta de brinquedo, gosta de festa. Deus ama a a alegría. Então, que tudo que foi tratado aqui, que ele derrame a cada um de nós a luz do Divino Espírito Santo, mas que a gente não deixe esse tempo ficar perdido, que cada um de nós possa dar nossa contribuição. Ou que seja pouquinho ou que seja muito, mas que nós não desanima, porque só essa história é que vai fazer a gente viver.''



Figura 258 - Estandarte "Cesto de Memória" - verso

A luz e o calor



"A gente quer ter voz atíva No nosso destino mandar Mas eis que chega a roda-viva E carrega o destino pra lá... Chico Buarque

A LÉM DAS OFICINAS, NOSSOS ENCONTROS aconteciam nas visitas de casa em casa. Às vezes as entrevistas, que tomavam a forma de uma conversa, eram marcadas com antecedência, mas em outros momentos os encontros casuais se mostravam um campo fértil para a escuta. A todos eles levava comigo, além do gravador e da câmera, algumas questões que eu sentia necessidade de aprofundar, como: o que não pode ser extinto no Córrego? O que não pode morrer? O que é essencial para os moradores?

Com essas indagações, fui conversar com zito, Argeu, Zilmar, Nestor, Sones, Nenê e Zé Barba, que, entre outros, participavam desde o início com grande interesse de todo o processo.

Durante a pesquisa que possibilitou a produção do acervo de contos e imagens do Córrego, compreendi ouvindo os moradores que o que ameaçava a história de poder ser contada era principalmente o isolamento, a diminuição da convivência.

Argeu: Nos tempos passados o meu pai te visitava, visitava o seu pai. Quando meu pai chegava na sala ficava conversando com seu pai. Minha mãe passava pra cozinha e ia conversar com sua mãe, a comadre lá. E os meninos, suas irmãs e meus irmãos iam pro terreiro brincar. Isso acabou.

Juca: Naquela época não tinha TV não tinha nada. Lembro quando o Tio Isalino comprou rádio. Ia todo mundo lá pra casa do Tio Isalino assistir aquele programa caipira. Já começou a afastar um pouco as visitas. Aí depois apareceu a televisão, aí que descambou mesmo.

Zito: De primeiro alí na casa das Tía Nena era o lugar do povo juntar. Naquele tempo usava um sistema diferente de almoçar ali pelas nove horas, duas horas jantar e, à noite, ceia. Então a gente juntava tudo lá na cozinha de chão, ceava e ficava contando história, contando plada. Um papo gostoso. E depois cada um ia pra sua casa. Hoje o povo aqui quando encontra é ali na capela, tirando disso, quase que o povo não sai. Nenê: A gente dialogava mais. Tinha mais contato com os amigos, compadres, com os tios. Hoje em dia ocê vê, depois que tem televisão ninguém passeia na casa dos outros. Não tem calor humano. Eu não gosto muito de televisão não. Mas sozinha a gente não vai sair também, né? Aí fica quieta.

Nestor: Eu nunca pensava ter uma luz elétrica na minha casa, uma televisão, ter um som... Os mais velhos não esperavam ter um freezer dentro de casa, uma geladeira. Isso não vinha na cabeça que ia existir pra nós. A luz foi boa, melhorou muito, numa parte... Naquele tempo a gente passeava muito. Mas agora chega de tardinha, acaba de jantar e a gente acomoda. Então isso tem uma falta. Se a gente der uma saída a gente chega lá na casa do amigo, bate um papo, o ar muda.

Zilmar: A gente fica invocado com negócio de televisão, ela toma muito tempo da gente. Uma coisa que ocê tem pra fazer, chega assim, ocê deixa de fazer. Mas se tiver alguém no terreiro ali sempre eu converso.

Nenê: Tem hora que tá passando uma coisa lá na televisão que ocê não tá gostando que menino veja, uma pessoa mais de idade veja, mas tá ali. A gente não tem coragem de chegar e desligar. Só desligar. Mas não desliga, ná?

Zito: É, a TV tem uma força doida. Tem gente que é dominado pela televisão. Mas a televisão é uma ótima coisa. Sabendo usar.

Argeu: Pois é. O Tio Astolfo falou isso comigo em 1982, lá em Belo Horizonte. Ele falou assim: essa televisão tem uma coisa ali pra desligar...

Zito: Tem hora que eu fico pensando. Ocê tem que falar menos e ouvir mais. Já pensou se Deus tivesse feito duas bocas e um ouvido só? Ocê não ouvia nada que o outro falava e era um falatório igual papagaio. Isso é um pensamento meu. Então, é tão bom ocê ouvir o que as pessoas estão falando. O que for bom ocê acolhe, o que não for ocê joga fora. É o caso da televisão, o programa que é bom...

Nenê: A gente pega.

Zito: Ocê participa dele, o que não for, ocê deixa pra lá. Então tudo, sabendo usar, é bom demais, uai.



Figura 259 - Estandarte "A Luz e o Calor" - frente



Zé Barba: Ah, eu falo assim, de primeiro parecia que tinha menos desenvolvimento, mas parecia que tinha mais união entre as pessoas. Num ponto eu acho vantagem porque favoreceu. De primeiro era alumiado com pedaço de palmito, cabriúna, né? Hoje não, é só chegar em casa aí tá no claro no momento, palmito, Capriuma, mer moje many e a cuegar em casa al ca o Carton mas eu penso assim, as desvantagens que eu acho que tem, porque de primeiro a pessoa, o casal tinha 10, 12 filhos, ia passear na casa do compadre, da comadre, pessoa, o casal timma 10, 12 lilmos, la passear ha casa do compatre, da comadre, então ele contava história, né, ficava conversando até tardão. Hoje não tem isos maís, quando a gente chega na casa d'uma pessoa que lá tem uma televisão, aí, a pessoa odeia quando a gente chega. Atrapalhou assistir a novela. Então a gente não vaí maís igual era aquele ambiente antigo. O compatre la passear na casa da comadre, lá a comadre dava um pedaço de rapadura pra ele fazer o café, aí da commare, la a commare dava um pedado de rapadura pra ele lazer o cate, al depois fazia o café contava bastante história, aí danava bater na cacunda (nas costas): vamos embora, menino, tá tarde. Aí a madrinha ia lá no ninho de galinha, tirava um ovo, pra dar o afilhado. Não tinha mais nada pra dar o afilhado, dava o ovo ea a mãe do menino, pra modo do ovo chocar depressa, ela tacava o ovo debaixo do sovaco, né (risos de todos).

Toquinha: Daquele ovo vinha uma franga, e vinha mais galinha... É engraçado, a gente ganhava mesmo, né? Eu ganhei muito frango e ovo

quando era pequena. A valuma uma frança, e vinna mais garinna... E engração, a gente gannava mesmo, ner su ganner muito franço e ovo quando era pequena. A madrinha Luxía me dava também ás vezes um pouco de feljão. Zé Barba: Mas então a televisão não dá muito esse espaço. Porque depois que a gente passar a gostar de um programa, ah, briga, não briga? Quando chega em casa, tá o Jardel (seu neto) aí, ele sai pra escola cedo e eu saio pro serviço mais tarde, ele chega do serviço eu tô lá pra roça. Venho, tomo banho e vou ver televisão, lá é meia hora. Dentro dessa meia hora ele me faz uma pergunta, eu falo: ó rapaz, agüenta a mão aí, eu tô querendo assistir um negócio aqui, né? Daí a meia hora eu tô dormindo, aí acabou já o espaço d'eu mais

Denise: O senhor tá falando isso e eu me lembrei de uma coisa. Quando nós fomos na escola nós perguntamos pras crianças quem eram as pessoas importantes da vida deles aqui na comunidade, principalmente as pessoas mais velhas. E aí todos eles responderam, o avô, a avó, o tio, o padrinho, que contam história, brincam, às vezes ensinavam a fazer pião.

Zé Barba: Eu acho que era hora da gente aproveitar o restinho de vida e procurar fazer alguma coisinha, algum resgate do que foi embora, buscar pra modo de deixar por aí, senão quem vier daqui mais alguns anos não vai saber que Córrego era esse, né? Eu acho que esse trabalho, viu, Denise e Toquinha, é muito importante devido às suas humildades. Porque vocês estão andando atrás de uma coisa que o pessoal jogou fora. Esqueceram. Vocês estão querendo resgatar aquilo que tínha de bom na comunidade, que nós estamos deixando ficar perdido pra lá. Vocês estão procurando o resto, né? O resto. Que ninguém tá querendo. E foi do nada que Deus começou o mundo. E isso é uma lição pra cada um de nós. A gente poderia estar acompanhando o desenvolvimento todo mas sempre com o pé atrás, não esquecendo o que já passou, porque diz que a história de trás muitas das vezes serve de trem pra vida da gente lá na frente, porque a história de trás que ajuda a gente a caminhar.



Nestor com a última sanfona do Córrego dos Januários

Zito: No tempo que a gente não tinha a luz aqui, não existia rádio, não existia televisão, a gente passava nas encruzilhadas, quase até o día amanhecer, com uma sanfoninha oito baixo tocando, cantando, brincando ali. A gente amanhecia o día nas estradas. E isso acabou

Nestor: Eu lembro que a gente chegava no meio do caminho e acendia aquele fogo, o Sones tocando sanfona, e vinha embora tocando sanfona pela estrada afora.

Denise: Pelo que eu estou entendendo, as pessoas não gostam de ficar em casa, mas acabam ficando. E eu tô achando isso curioso. Por que todo mundo fica em casa vendo televisão? Na última vez que nós estivemos aqui o Sones tocou sanfona. Seu Venário tocou violão. E até todo mundo falou: nossa, agora só tem uma sanfona aqui. Só tem aquela lá na casa do Joversino, não tem mais sanfona nenhuma. Eu falei: meu Deus. cadê as sanfonas do Januário?

Zito: É, aqui é só mesmo a do Joversino

Nenê: Foi muito bom aquele dia, né? Passaram as horas sem ver. Gostei demais.

Denise: O senhor tava aquele día contando pra gente como que era na época da encruzilhada. Conta um pouquinho disso, que o senhor tocava sanfona.

Sones: Mês de maio saía pra reza lá no Aristino Brás, né, e quando não tava lá reunia aqui, 8, 10 rapazes e ficava aqui tocando até tardão. Depois la embora dormir. Mas isso aí era quase a semana inteira. Onde nós vamos? Hoje é na casa de fulano, amanhã nós vamos na outra casa. Saía com a sanfona, cada dia ia numa casa, de noite. Depois desanimou, parou.

Denise: Essa idéia da sanfona ir em casa é muito legal, porque às vezes tem gente triste em

Nenê: Aí toca e alegra. Tá amuado lá, toca um bocado de sanfona, levanta o astral, né? D. Efigênia: Um toque de sanfona é bonito demais.

Nenê: O baile mesmo, de toque de sanfona, eu acho que isso não podia acabar não.

Zito: O lugar que tem uma viola, uns cantando pra divertir, eu gosto de estar sempre alí. Porque o gostoso mesmo é tocar todo mundo junto, né? O que falta é comunicar uns com os outros e falar: vamos fazer isso e partir pra cima, né? Juntar uma viola, um violão, um cavaquinho, uma sanfona, um pandeiro. Junta aquela turminha de una 4 ou 5 alí, e por aí que começa, né? Aí a pessoa amanhece o dia. Sem a união não consegue nada não.



A LÉM DE ILUMINAR TEMAS que pareciam congelados, com destino traçado, essas conversas possibilitam o surgimento de idéias que subvertem a ordem e abrem novos caminhos. No diálogo, Nenê, Zito, Nestor, Zé Barba, Argeu, Juca, Zilmar, Nenên e Toquinha vão se apropriando da voz ativa e da coragem de manter viva não só a sanfona, mas também a alegria.

Figura 260 - Estandarte "A Luz e o Calor" - verso

Terra e Memória

"Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestigios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras."

Escova - Manoel de Barros



Marcelo: Aquí eu vejo assim, a primeira coisa é sentimento de lembrança do pai, né? E do lugar, olhando o serviço onde que ele criou a gente, criou os filhos dele aí. Que o papai plantou essa lavoura de café que tá aquí em cima e essa que eu tô aquí agora foi o papai também que plantou. Então eu fiquei pensando assim: há mais de 20 anos eu tô trabalhando onde ele trabalhou, fazendo o que ele fazia, e sempre tendo a recordação dele.

Pelo tipo do lugar que eu tava olhando assim pra cima, me dá um tipo de muito pensamento na hora. De muito sentimento. E eu fico pensando assim: a mesma dificuldade que ele teve pra criar a gente e

que a gente vai ter. Dá uma esperança, um sentido de uma esperança, que todo mundo tem suas dificuldades, muita gente tem, mas a gente vence também. El tenho muito sentimento. Eu não sei, eu não gosto, tem uma porção de retrato que eu não gosto, sabe. Esse daqui mesmo é um dos que eu achei melhor, de retrato que eu tirei até hoje. Eu tô de chinelo no pé, com a roupa de trabalhar, né? Eu tô fazendo o que eu sei fazer, na minha profissão.





Zilmar: Eu gosto de subir aqui no alto. Ocê enxerga o Januário tudo pra cá e lá, pra lá também, virando lá naquela volta fria. Ah, meu Deus! Tão bonito...

Denise: Estamos aquí gravando, registrando com a Zilmar na sua lavoura de café. Ela tá mostrando pra gente como é que se colhe café. Vamos lá, Zilmar, fala aí.

Zilmar: Antigamente apanhawa o café era no balaio. Chamava aparadeira, né? Agora apanhamos com o pano. Põe o pano debaixo do pé de café e apanha o café e vai jogando aí. O café sai limpinho. O pano é melhor pra poder a gente juntar. Uma que o café sai limpo, e também, duas pessoas pegam num pano. A aparadeira era uma pra cada um.

Zilmar: Éta nóis! Vamos apanhar café, gente! Os apanhadores apanham de dia, a gente apanha é de noite! (risos)Estamos na lavoura do meu filho Vandinho apanhando café, gente. Ocês espía de longe lá, nós estamos apanhando café.



lá, nós estamos apanhando café.

Denise: Zilmar, quem são os companheiros que você a toda hora fala?

Zilmar: Os companheiros são os que trabalham pra gente, é, que ajudam colher. Ajudam colher café,









Gilzane: Eu acho que o café é uma das coisas mais importantes aqui no Januário. Porque a maioria das pessoas tem bastante café. Eu acho diferente porque eu fico assim pensando, o café dá, aí apanha o café, depois põe pra secar, aí depois limpa, aí que vai fazer o pó. Diferente, eu acho. Eu fico pensando, como é que Deus faz uma coisa tão importante.









Figura 261 - Estandarte "Terra e Memória" - frente



E U ESTAVA HOSPEDADA NA CASA DE ZILMAR em julho de 2002 e fotografei bem cedinho, sem que ela me visse, esta cena que se repete todos os días na vida dela. Não podía resistir ao encanto daquela imagem, e tinha consciência de que queria registrar exatamente aquele instante em que a simplicidade e a poesía daquele cotidiano se revelavam tão fortemente. Olhando para a foto reconheço a mesma cena que inundou meus olhos naquela manhã.

Ao ver a foto em abril de 2003, Zilmar se emocionou com meu olhar diante de uma cena tão comum do seu dia-a-dia. Até então eu nunca tinha visto uma vassoura de alecrim.

UM DIA ZILMAR foi até seu cafezal buscar mais alecrim para fazer outra vassoura e chamou-me a mim e Toquinha para acompanhá-la. Estes eram sempre momentos especiais, em que eu me deixava guiar pelo inesperado, abrindo-me a ele, levando, claro, o gravador e a câmera...

No dia seguinte tivemos a oficina da esteira de taboa. Zilmar, que também participou da oficina e sabia que eu estaria lá para fotografar, chega com a vassoura e dá uma divertida aula de como montar a vassoura de alecrim.



Zilmar: Tem que fazer economia, minha filha. Não pode ficar comprando vassoura, não! (risos) Vassoura tá muito caro! Agora eu vou varrer terreiro...

Outros fazeres da roça...



Figura 262 - Estandarte "Terra e Memória" - verso

A Grafia do Olhar I



O meu olhar é nítido como um girassol. Tenho o costume de andar pelas estradas olhando para a direita e para a esquerda, e de vez em quando olhando para trás... E o que vejo a cada momento é aquilo que nunca antes eu tinha visto, e eu sei dar por isso muito bem...

Sei ter o pasmo essencial que tem uma criança se, ao nascer, reparasse que nascera deveras...

Sinto-me nascido a cada momento para a eterna novidade do mundo.

Fernando Pessoa

Grupo das novas fotógrafas caminhando perto da casa de D. Nega

AS FOTOS AQUI APRESENTADAS FORAM algumas das imagens produzidas na oficina de fotografia e memória realizada em abril de 2003. Nosso objetivo era caminhar fotografando, e a pergunta que guiava o olhar e os cliques das câmeras era: que imagens queremos deixar para a história do Córrego dos Januários? Brenda, Gilzane, Regiane e Fabiane fotografaram crianças, brincadeiras, divertimento, e também aqueles que amam (tios, bisavô, amigos, irmã...). O tema do café também emerge, e é bonito perceber nas imagens e no que elas nos contam o valor do cultivo e da terra.

As meninas mostraram, através das lentes de suas câmeras, paisagens humanas, naturais e culturais do Córrego dos Januários, criando com suas belas imagens uma estética da delicadeza.





Regiane: Ele é tipo um lavrador. Trabalha com a apanhação de café. Ele vigia a casa da D. Nega, ele que cuida das vacas. Eu acho ele uma pessoa muito legal. Ele gosta de brincar com a gente.



Regiane fotografando Luana



Foto de Regiane: Luana em sua casa

Fabiane: Ah, a Luana. Regiane: Ficou bonito.

Denise: Essa menininha é uma graça. Aparece muito aqui a cor também, o barro, a cor da terra, que é muito típica aqui do Januário. Como foi esta foto?

Regiane: É porque na hora que eu saí pra ir lá onde que nós fomos, lá em cima, aí ela me perguntou onde que eu ia. Aí ela falou assim: ocê tíra uma foto de mim? Fícou bonito...

Denise: Quantos anos ela tem?

Regiane: Três.

Figura 263 - Estandarte "A grafia do olhar I"







Brenda: Olha essa foto, Vítor e Marcos Aurélio soltando pipa. Quem tirou essa foto foi você, não foi, Fabiane? Fabiane: Ah, é porque eles estavam se divertindo.

Gilzane: Ficou bonito. Achei interessante, porque os meninos estavam divertindo. Eles fizeram a pipa, depois soltaram a pipa, brincando. É pipa tem muito tempo que os meninos já fazem assim. Já tem muito tempo, porque eu acho que até meu tio já fazia.

Regiane: É, que aí mostra a brincadeira dos meninos que eles gostam mais de brincar



Denise: É incrível essa foto aqui! A casa, a janela é pequenininha e aqui na foto parece enorme. Porque isso em fotografía se chama enquadramento. Ela fez um recorte da cena. Ela escolheu e enquadrou só aquela janela e ela tomou toda a cena. Muito legal. Gilzane, por que você tírou essa foto dela?

Gilzane: Ah, porque é uma pessoa mais velha, ela é uma biblioteca como a minha mãe falava. Fabiane: Ah, ela também é minha tia, é irmã da minha vó, mãe do meu paí.





Foto de Gilzane: D. Nega na janela

Gilzane: Ah, é porque a gente sempre faz uma coisa todo dia, por exemplo, vai na escola todo dia, tudo a mesma coisa, aí quando vocês vêm é diferente assim, porque aí a gente faz uma coisa diferente. Mais divertido.

Fabiane: E também porque vocês que estão buscando as coisas mais antigas, tirando fotos... Aprofundando na história do Januário.

Gilzane: Porque aí as crianças, o que elas não sabem vão ficar sabendo.

Fabiane: E nós também.

Gilzane: A gente também. Elas vão saber coisas diferentes.

Denise: Eu quero que vocês falem uma frase ou palavra que defina, pra vocês, como é que foi essa experiência de ter fotografado o Córrego dos Januários.

Brenda: Paísagem, não? Porque a gente tirou foto do café com o Getúlio, do Leandro carregando café dentro do balaio...

Fabiane: De várias paisagens.

Gilzane: Da natureza, das pessoas...

Denise: Que bonito, isso. As imagens que vocês produziram trazem paísagens humanas, naturais e da cultura daquí, ne?



Figura 264 - Estandarte "A grafia do Olhar I" - verso

A Grafia do Olhar II

R ELÍQUIA É ALGO PRECIOSO, de valor. Talvez este seja o tema central desses fotógrafos que buscaram imagens de trabalhadores, do cultivo da terra, da natureza, de pessoas queridas, de casas antigas, vislumbrando como relíquia a própria gente e esse pedaço de chão das Gerais. Vamos então celebrar o nascimento dos fotógrafos Zito, Nenê, Leandro e Wander, que não só experimentaram o ato de fotografar mas também, com suas câmeras, inventaram um novo ofício: o de focar relíquias.





''Diria que fotografo também para reter uma memória. Assusta-me a velocidade com que desaparecem as ruas, as casas, as pessoas, as cidades. Fotografo para guardar aquilo que, mesmo desapare-cendo, permaneça extesindo...'' Walter Carvalho

f A OS POUCOS, ENQUANTO VÍAMOS juntos as fotos, íamos refazendo nossa trajetória daquele manhã de outono de 2003. As fotos de que eles mais gostaram eram selecionadas, e para cada uma delas escolhiam um título para compor o acervo. Falarei de algumas procurando também mapear com eles os temas que estiveram mais em foco.



Denise: Como é que foi? Como é que vocês iam escolhendo o que vocês fotografaram? Vocês lembram? Zito: Eu encontrei com a Terezinha, ela vinha trazendo o almoço e eu mandei ela parar. Eu falei: pára aí. Ela parou naquela porteira da figueira alí. Lá ia ela levando o almoço pro esposo lá na lavourinha do Sebastião.

Denise: Por que que você quis registrar esta cena?

Zito: Porque ela ia levando o almoço pro esposo lá na lavourinha do Sebastião. E ela é minha cunhada?



Wander: Daniel é lavrador que nem eu. Ele tá vindo da máquina

Wander: É muito bonita a paisagem aqui assim, que pegou aqui de um lado e de outro a lavoura, e a parte de cá mais de verde aqui, perto dos eucaliptos. O eucalipto tá bem do lado aqui.

Denise: O que te motivou a fazer essa foto?

Wander: Ah, por causa da camisa do Cruzeiro. Eu falei: vou tirar uma foto ali da camisa do Cruzeiro, porque eu sou cruzeirense, né? E ao mesmo tempo é um trabalhador aqui do Januário?

Wander: Aquela lá no pasto do Rodrigues.

Zito: Ah! Isso é uma sumaúma. Tem 1, 2, 3, 4. Ih ,5 casas de joão-de-barro, 6.

Nenê: Cinco casas de joão-de-barro só numa árvore, olha, Janete.

Wander: Tô pensando num detalhe que eu vi nessa foto.

Denise: O que que é?

Wander: Esse detalhe aquí. Sabía que eles (os passarinhos) fazem essas casas umas viradas pra cá, outras pra lá. Que quando ela tá virada pra cá geralmente o vento vem é de lá pra cá, pra não entrar dentro da casa.

Toto de Leandro: Joã Zito: Na época que o vento vai dar, conforme o lado, eles fazem a casa com a porta ao contrário. * **mas obras de arte

Nenê: A casa ao contrário do vento.

Wander: Assim dizem. Mas pode olhar. Essa aquí tá com a boca pra cá, a entrada. Essa daquí pra baixo. Essa aquí também pra lá. Construír igual o joão-de-barro só ele mesmo. Ninguém faz igual. Zito: E pode chover o tanto que chover que não quebra aquilo.

> L EANDRO ESCUTA OS AMIGOS E CONCORDA. Orgulhoso da bela imagem, anuncia seu título: João-de-barro e suas obras de arte. Leandro trabalha com gado leiteiro e com a colheita do café, como vimos na oficina das meninas. Assim como Wander, seus olhos são sensíveis ao homem que trabalha na terra, ao lavrador. A imagem também me toca e percebo que o cultivo, a terra, a roça e o trabalhador do campo são temas que também meus olhos buscam.





Leandro: Isso foi os dedos de inhame que eles estavam plantando na terra.

Denise: Dedo de inhame?

Toquinha: Muda de inhame.

Wander: Muda são os dedos, tem a cabeça e o dedo. Aqui também fala um quilo. Mas aqui na roça a gente fala: o dedo de inhame. Porque a gente vende os dedos de um preço e cabeça de outro.



feijão. Eu ainda brinquei com o Leo: vamos aproveitar que aqui tem feijão. Choveu pouco nessa região, e ali deu feijão, não sei como. Não sei se ele irrigou, ou o que que fizeram. Esse é o feijão seco, né, já arrancado.

W ANDER E LEANDRO TRAZEM IMAGENS ligadas à terra. Wander chegou a produzir uma foto com Leandro, pedindo que este entrasse numa pequena lavoura de feijão que encontramos pelo caminho. Em cima do morro os lavradores colhiam café e observavam a cena inusitada, achando graça dos amigos fotografando o feijão.







Nenê: Ah, é porque a gente recorda, a gente quase não vé esses lugar mais assim nessas casas que faz hoje, né, compadre Zito? É lugar de guardar os bagulhos, as coisas que guarda lá, né? Um milho, um balaio.

Wander: Tulha e paíol é a mesma coisa.

Nenê: É, lugar de guardar as coisas. Um milho, um balaio...

Nenê: Ficou muito bonitinha, né? Eu falei: eu vou tirar da filha e da neta, né? Lá na cachoeira. Zito: Ficou boa demais.

Nenê: A gente não imagina que vai sair assim. Tá muito parecido, não tá? Ficou boa mesmo. Olha que a gente aprendeu alguma coisa, compadre Zito. Agora, se for pra gente pegar uma máquina e tirar lá, talvez a gente sabe. Aquele medo de, ah, isso não vai dar certo, não tem mais. Legal.

Zito: A máquina também ensina a gente, uai. Por exemplo, na medida que ocê míra, se ocê não viu a pessoa todinha dentro daquele vidrozinho, ocê não arrisca não que não vai dar nada certo. Agora, se ocê viu a pessoa toda ocê pode apertar o gatilho que provavelmente dá certo (risos).

Nenê: Essa foto eu gostei porque é minha filha e minha neta também do lado da cacheira. É, ficou bonito.

Wander: Isso aí é relíquia do Januário. É a única que tem.

Nenê: É uma relíquia do Januário, a cachoeira, né? E por ser minha filha caçula e minha neta. Janete e Kycella, né, na cacheira do Deco André. É isso?

Denise: Interessante isso. O Zito, por exemplo, ele tirou muitas fotos, a Nenê também, de pessoas conhecidas. Quer dizer que é outro enfoque, né, de pessoas que ele estima muito, que ele quer deixar o registro. A Terezinha, o José Santiago, etc. também acharam importante o registro de casas antigas. Mas vocês quatro destacaram de um jeito ou de outro a natureza, o

valor da terra...

Zito: Ah, isso é aquela moitinha de eucalipto, nos bambus. Olha que foto bonita.

Denise: Por que esta imagem, Zito?

Zito: É bonito, uai. Uma matinha verdinha assim é tão bonito de ver, né? E é o único eucalipto que tem aqui no Januário. Isso é o eucalipto do Vantuir ali, o gerente do banco.

Wander: Esse eucalipto também é relíquia. Quando acabar com esse eucalipto aí já tá registrado. Como a cachoeira, se acabar a cachoeira é só alí que tem.

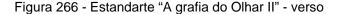
Zito: O dia que eu encontrar com o Vantuir vou falar assim: ó, eu tenho uma foto da sua matinha de eucalipto em tal lugar assim assim...

Denise: O que a gente pode fazer é quando for escrever o texto que acompanha a foto, a gente pode colocar o que o Wander disse, que é um dos últimos, ou o último eucalipto da região. A foto pode também servir para denunciar que estas relíquias estão ameaçadas e que algo precisa ser feito para evitar isso.



Denise: Então lá, quando montarmos o acervo de fotos, a gente coloca um textinho alertando pra esta questão do meio ambiente, que vocês estão chamando a atenção através da fotografía. O que vocês acham?

Nenê: Muito bom, né? Porque se não, vê a foto e não sabe onde é, nem pra quê, né? Tem que explicar. Hoje em día eles já cortaram muito aquela mata. Era tudo fechado lá. Cortou demais. Tem só um pouquinho. Precisa falar...



Escolas: histórias e brincadeiras



Cresci brincando no chão entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente fas comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e obliqua das coisas.

Manoel de Barros

A PARTIR DAS ESCAVAÇÕES DOS CONTOS e imagens dos Januários, Toquinha começou a escrever a história do Córrego. Com base na história colhida nos encontros e oficinas, a escritora costurou um texto tecido no coletivo e começou a contá-lo nas reuniões e nas escolas. As professoras, que moram na cidade de Inhapim, estavam entusiasmadas por conhecer a história do lugar onde trabalham. Sentiam a necessidade de

estabelecer no cotidiano escolar uma ponte maior entre a escola e a comunidade. Juntas pensamos numa atividade que fortalecesse esse vínculo, favorecendo o encontro das gerações num intercâmbio de saberes e experiências. Em junho de 2003, Toquinha contou às crianças da Escola Municipal Elias Januário(Anexa) a história do Córrego dos Januários. Nela há um trecho sobre Sebastião Lau, escrito a partir dos relatos orais dos mais antigos:

"Em 1952, num ato de extremo amor, Sebastião Tomé de Medeiros (Sebastião Lau), que não teve filhos, resolveu dar um presente a todas as crianças do Córrego dos Januários. E foi então que ele separou um pedacinho de terra onde construíu uma escola e entregou a seus parente que ainda eram meninoa. Dis que ele era um homem muiro alegra e sanifa muito orgulho da escola que havia construído com a ajuda dos seus companheiros."

 ${f T}$ OQUINHA CONTA A HISTÓRIA que professores e crianças desconheciam, e que é marcada não só por datas mas também por afeto, generosidade, e pela visão de um homem que valorizava a educação e se preocupava com as crianças. Há nessa experiência o diálogo entre informação e emoção, conhecimento e vida. A história da Família Januário e de Sebastião Lau é, sem dúvida alguma, matéria da escola.



Nestor: Foi bacana. Porque passa tudo ali e ninguém fica sabendo. Quem é aquele naquela foto que tá ali? Esses meninos agora vão passando pros mais novos, no fim todos ficam sabendo. A escola ficou pra nós que somos sobrinhos. Eu estudei lá, outro estudou e aí vem a parte da família Januário estudando.

DEPOIS, ZITO REUNIU AS CRIANÇAS e mostrou como se faz peteca. As crianças não tiravam os olhos das mãos de Zito, que concluiu a aula de peteca com um jogo.

As mãos de Zito revelam saberes. Sones também mostra com as mãos seu conhecimento.







EMELIAS JANUARIO - ANEXA



AS CRIANÇAS JOGAM COM ZITO E DANÇAM ao som do toque da sanfona de Sones. Por trás da peteca e do som da sanfona encontramos as mãos desses homens, cheias de traços, histórias e gestos capazes de alegrar e iluminar todos ali presentes.

NO FINAL DE NOSSO ENCONTRO, a professora Marta diz ter descoberto que é possível dar uma aula sem lápis e papel. A linguagem da música, do jogo, da fotografia, da história contada, tomou a cena, compondo uma narrativa banhada na experiência, como nos fala Benjamin.







Figura 267 - Estandarte "Escolas: histórias e brincadeiras" - frente

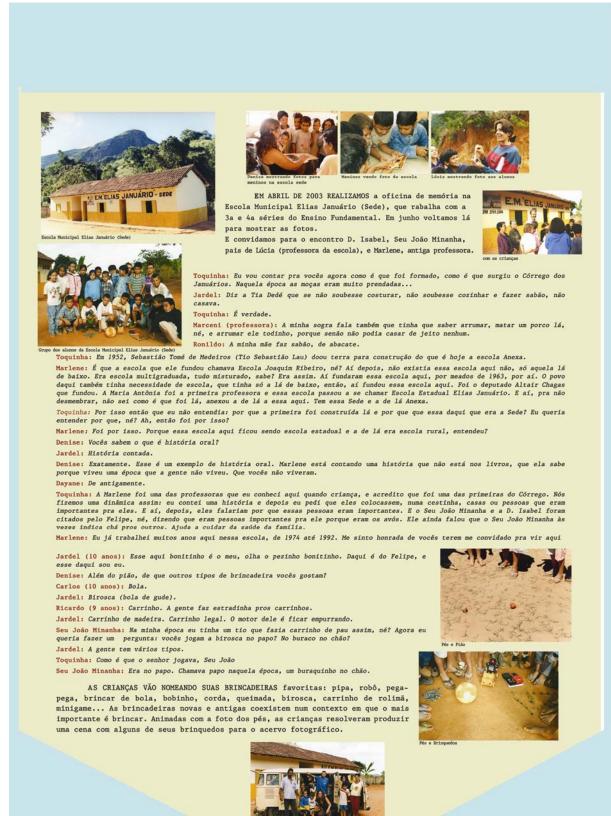


Figura 268 - Estandarte "Escolas: histórias e brincadeiras" - verso

Fotos Antigas



EM JUNHO DE 2003, REALIZAMOS o que chamamos de Oficina de Antigas . Nosso propósito era reunir para o acervo fotográfico fotos antigas dos moradores do Córrego dos Januários, buscando, por meio do contato com essas fotos, as histórias, os causos , as deliciosas narrativas que emergem toda vez que os moradores estão juntos, e que as fotografias ajudam muito a evocar.

As Fotos Antigas Já vinham sendo recolhidas por nós nas viagens anteriores, mas naquele momento era preciso começar a organizá-las. Assim, cada pessoa que foi à casa de D. Oscarina e Seu Dionísio levou uma ou mais fotos para somar com as demais.





Joversino: Nosso fazedor de balaio, nosso rezador.

Argeu: O assador de cabrito.

Joversino: Assador de cabrito. Esse aí levava dois dias pra assar um cabrito. Argeu: Fazedor de licor. O Tio Chico é marido da Tia Augusta e é o pai do Sones aqui. E morreu em 19 de outubro de 1966.

DEPOIS FOI A VEZ de Zé Barba e Argeu lembra um causo envolvendo o compadre.

Joversino: O compadre Zé Barba aprendeu as primeiras letras com o Tio Sebastião Lau que escrevia com carvão na parede pintada com barro branco.

Argeu: Alguém chamou o Zé Barba pra ir no Ubaporanga, o Sones, né ? O Zé Barba lá ia, pra encontrar com a namorada dele, com o sapato amarrado com barbante, o sapato dele não tinha cadarço. Aí o compadre Sones mais o Zé Barba vão lá pro lado do Ubaporanga caçar namorada. Quando chegou na estrada toparam com namorada dele, deu de cara com a namorada dele que já vinha pra cá (risos). E ele pegou e enfíou os pés no meio do mato pra ela não ver o cadarço dele que era de barbante (risos). Aí a moça chegava: bom dia, Zé Barba, chega até aqui. E ele: não, bom dia daqui mesmo. Com os pés lá no meio do mato. Bom dia daqui mesmo (risos).



Dorvalina: Eram todas solteiras. Morreram bem velhinhas mas não casaram.

Toquinha: Elas viviam num sobrado e a casa delas era o ponto de encontro dos irmãos, sobrinhos, da família inteira. Elas tinham sempre muita fartura em casa e faziam ceia para o povo todo, todos os dias. As pessoas, além de comer, ficavam até tarde na casa delas contando história. Joversino: Pra tirar essa foto o fotógrafo teve que arrumar um cavalo pra vir com aquela máquina, o lambe-lambe. Só veio pra tirar essa foto aqui.



Figura 269 - Estandarte "Fotos Antigas" - frente



Figura 270 - Estandarte "Fotos Antigas" - verso

Maria Ilda das Dores Souza, a Dedé

Maria Ilda das Dores Souza, conhecida por todos como Dedé, foi sem dúvida uma das mais entusiasmadas e das maiores participantes em todo o processo da nossa pesquisa no Córrego.Em abril de 2003, Dedé sugeriu que fotografássemos para nosso acervo de memória o processo de tecer uma esteira de taboa, ofício que todas as mulheres conheciam bem há 40 anos atrás. A proposta foi aceita imediatamente e combinamos fazer uma oficina, convidando crianças e adultos para participarem. Em momentos como esse, em que se evoca uma experiência de país e avós, há um clima de reverência no ar. Dedé nos ensina isso através da seriedade, delicadeza e alegria com que prepara o tear que será fotografado para a história dos Januários.









Denise: Como você aprendeu a fazer esteira, Dedé? Quem te ensinou? Dedé: Minha mãe fazia. Eu sou mãe de dez filhos. Meus filhos foram criados dormindo na esteira. Era pouca gente que usava esse negócio de colchão. Antes, era esteira mesmo. A gente corta ela lá no taboal e deixa oito dias pra murchar. Aí depois a gente já pode trabalhar

Efigênia: Nós mesmo dormimos muito na esteira. Eu comecei trabalhar na roça desde a idade de 7 anos. Porque o pai morreu e a ficou tudo piquitítinho com a mãe. Chegava de noite lavava só pé e tum (caía), na esteira de taboa. Não tomava banho não, uai! (risos) Dedé adorava ver os álbuns de fotografia e logo percebi seu fascínio pelas imagens. Um dia, perguntei a ela se gostaria de fotografar. Ela me olhou desconfiada: Como assim? Eu, mexendo na máquina? Não, eu não sei lidar com isso, não.

Mas resolvi insistir, pressentindo que Dedé só precisava de um apoio e de um leve empurrãozinho para também deixar a grafia de seu olhar registrada no acervo da história dos Januários. Diante dos meus olhos Dedé parecia brincar com a câmera fotográfica.









Dedé através da fotografia chama a atenção para o desaparecimento das jabuticabeiras que existiam em abundância até poucos anos atrás. Não há nenhuma razão para as jabuticabeiras deixarem de existir, me dizia.

até poucos anos atrás. Não há nenhuma razão para as jabuticabeiras deixarem de existir, me dizia.

Dedé: Ah, a comadre Adélia! Aquí o pé de murta, nossa! Mas ficou muito bonito.

Desde que eu nasci que eu conheço aquele pé de murta all, ele era pequentininho assim e foi crescendo, crescendo. Tem gente que fala lá que ele tem mais de 100 anos. Meu tio Izalino diziz: ah, se esse pé de murta falasse. Porque quase todo mundo que chega senta ali um pouquinho pra descansar porque vem de Inhapim. Outra hora vem de casa, lá vai lá pra cima, aí senta ali um pouquinho. Então esse lugar, eu falei assim: ah, vou tirar dele também pra ficar marcado. Que de repente ele pode às vezes acabar, que vai indo seca, né? Aí tem a história dele pra poder contar. Se tíver uma foto aí pode relembrar.

Dedé: Desde que eu me entendo por gente que eu lembro desse pé de jabuticaba aquí na casa do meu Tio Chico. E tinha era muito alí na estrada. Chegava a época de jabuticaba era tanta gente que juntava ali! Já pensou, esses mais novos daquí uns anos vão dizer: ah, aquí tinha pé de jabuticaba. Se não for plantando, vai indo, acaba. Esse pé de jabuticaba aí, minha filha, isso é relíquia, né? Tudo é pé novo que o Tio Chico deixou nos fundos da casa dele, por isso que ainda tem.

Denise: Esta sua foto pode ajudar a entender que é possível não acabar. Você, através da fotografía, está dando um toque importante

Denise: Esta sua foto pode ajudar a entender que é possível não acabar. Você, através da fotografía, está dando um toque importante nas pessoas, entendeu? Dedé: Engraçado, em você falar aí Denise, eu tenho a vontade de ter um pé de jabuticaba lá em casa. Olha o que que eu fiz: as meninas

estavam chupando jabuticaba lá em casa eu peguei assim a semente e coloquei tudo lá debaixo do pé de manga. Ocê precisa de ver o tanto de mudinha que nasceu! Eu falei assim: eu não vou alcançar essas jabuticabas não, mas ocês que vêm, mais tarde quem sabe ocês vão chupar jabuticaba desses pés.

Dedé adorava ver as fotos que eu trazia revelada a cada novo retorno e ao se ver com as broas, no tear, conversando, dançando forró, fotografando, me dizia rindo, como um prenúncio: É, essa menina Denise. Daqui a alguns tempos, quando eu não tiver mais aqui, o povo então vai poder saber quem era esta tal de Dedé .

> Dedé: Achei muito bonito (risos). A gente sente feliz de ver as pessoas assim fazendo esse trabalho. Igual, no caso assim, igual a gente vê a gente assim, a gente nunca tirou as retrato. É uma coisa boa, sabe por quê? Porque é uma coisa que guarda pra lembrança. De repente a gente morre... Alguém quer ver: ah, como que era essa Dedé? Vocês falam muito na Dedé, tem foto dela? (risos) Tem, né? Pega e vai ver, uai. Conhecer a Dedé aí, ó. É bonito.

Figura 271 - Estandarte "Maria Hilda das Dores Souza, a Dedé"

Dionísio José de Souza e Oscarina Aurélia



 ${f U}$ M DOS HOMENS MAIS RESPEITADOS da família Januário, Seu Dionísio, bisneto de Joaquim José Ribeiro, pioneiro fundador da cidade de Inhapim, era um verdadeiro guardião dos valores da família.



 ${f T}$ IO DIONÍSIO E TIA OSCARINA FORAM desde o início grandes incentivadores do nosso trabalho. Comecei a chamá-los de tios sem me dar conta. Talvez por serem tios de Toquinha e pela carinhosa acolhida dos dois em sua casa desde a primeira viagem, em abril de 2001.

Em agosto de 2003, as Famílias Ribeiro e Januário foram homenageadas numa missa campal por serem fundadoras da cidade de Inhapim.







E STIVEMOS COM TIO DIONÍSIO E TIA OSCARINA no dia seguinte à missa. Toquinha havia me contado que certa vez o tio pensou em fazer uma peça de teatro contando histórias dos antigos. Como um dos planos de minha amiga escritora é montar uma peça com a história que escreveu, pensamos em propor ao Tio Dionísio também participar com seus sonhos antigos. Naquela manhã de inverno Tio Dionísio, guardião da memória e da natureza, nos revelou uma outra faceta ao falar de máscaras, palcos e passagem do milênio.



Denise: Este trabalho com a memória daqui tem muitas formas, né? O acervo de fotografias, o livro com as ilustrações das crianças, e tem também o teatro que a Toquinha sonha em fazer. Mas eu soube que o senhor já pensou nisso.

O sennor ja pensou nisso.

Dionísio: O teatro é com as histórias do Tio Lucas, Tio Chico, Tio Luís e o papai. Ah, mas eu perdi o jeito de fazer, não tem um pra remedar (imitar) eles. Ninguém conheceu eles aquí. Eu quería fazer uma máscara pra eles, né?Pegava o retrato antigo e pintava o rosto do papai, do Tio Lucas. Tem uma moça em Ipatinga que faz máscara assim. E aí colocava as roupas de antigamente, mas eu quería que remedasse eles. Porque tem gente que sabe contar uma coisa e aumentar outras graças naquele meio ali, né, aí eu não sei fazer isso não, aí então pra mim é difícil. Então eu tinha vontade que um patoteiro (que faz palhaçada) arremedasse (imitasse) eles. A hora que eles tavam alegres, a hora que eles tavam retristes.

 ${f E}$ NQUANTO TIO DIONÍSIO FALAVA, as imagens do palco ao ar livre e das máscaras pintadas à mão, expressando rostos antigos diante do povoado todo sentado no chão, me pareceram mágicas e totalmente possíveis. E, mesmo tendo perdido a passagem do milênio, consigo ver Toquinha, Argeu, Dorvalina, Jupira e muitos outros providenciando fogos para iluminar o céu e celebrar a realização do sonho fantástico de Tio Dionísio...



Figura 272 - Estandarte "Dionísio José de Souza e Oscarina Aurélia"



Figura 273 - Estandarte "Carta para-ti" - frente

Paiol de Histórias -Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga Pedro do Rio-RJ-25 de Julho de 2007



Francisca: Naquela quarta-feira, 25 de julho, Toquinha leu, na roda, o livro Francisca: Naquela quarta-feira, 25 de julho, Toquinha leu, na roda, o livro Guilherme Augusto Araújo Fernandes, e lembro-me muito bem que ao terminar a leitura, Lorraine, uma de nossas crianças, estava tão emocionada que bateu palmas e todos a seguiram. Que força tem um livro bem escrito, na voz de um leitor! Neste día, a roda de histórias foi seguida da leitura do Varal de Fotos dos Januários, preparado harmoniozamente por vocês, partindo do estandarte até a mesa onde os postais e a caixa de correio esperavam por nós e pelas nossas respostas. Conhecer e reconhecer pessoas, gostos e fazeres através de cartões postais. Que idéia bonita! Simples e direta. E cada um de nós escolheu um postal para responder e ilustrar.













Carta de Madson para Toquinha e Denise





Madson, Renata, Francisca, Toquinha e

Francisca: Na semana seguinte, na nossa rodona costumeira, avaliamos-rememorando aquele dia com vocês:
Toquinha escreveu um livro e contou a história do lugar dela (Bruno), as fotos me fizeram lembrar Sardual
(Juninho), respondi para alguém que perguntou se eu gostava de música e de estudar. Costei desta forma de
me comunicar (Felício) achei lindo o estandarte (Larissa), Toquinha contou porque o apelido é este se o
seu nome é Maria de Lourdes (Pâmela), mandei meu postal para uma senhora que estava com uma vassoura de seu nome e Maria de Lourdes (Pămela), mandei meu postal para uma senhora que estava com uma vassoura de alecrim varrendo o quintal. Minha vó faz vassoura com varetinha de bambu (Amanda), eu também escrevi para D. Zilmar que fez a vassoura de alecrim e gostei da experiência de escrever para alguém de longe (Thiago), o pássaro inhapim é que deu o nome à cidade (Luis Felipe), tia Felicia tem o mesmo nome do Felicio (Bianca). No nosso varal de lembranças ficaram estas e muitas outras porque neste contexto conhecimento e sensibilidade, linguagem e vida estavam indissociáveis conforme Denise escreveu na sua dissertação de mestrado, inspirada em Bakhtin.



Figura 274 - Estandarte "Carta para-ti" - verso

8.3.2 Painel "Carta para-ti"



Figura 275 - Painel "Carta para-ti"

8.3.3 Painel dos escritores



Figura 276 - Painel "Clubinho de Leitura"

8.3.4 Painel Maria de Minas



Figura 277 - Painel "Maria de Minas"

8.3.5 Ficha técnica

Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários

A Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários surgiu como resultado de um amplo trabalho de pesquisa realizado pela pesquisadora Denise Sampaio Gusmão, no Programa de Pôs-graduação em Piscologia Clínica do Departamento de Psicologia da Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro, sob a orientação da professora Solange Jobim e Souza. O projeto é desenvolvido com a participação da Comunidade do Córrego dos Januários, e está vinculado à Pasta de Educação e Cultura da Associação Comunitária do Córrego dos Januários, sob a responsabilidade de Maria de Lourdes Souza. A elaboração e o desenvolvimento deste projeto contou com o apoio da CAPES, do CNPq, da Vice Reitoria Comunitária da PUC-Rio e com a parceria do Departamento de Artes & Design da PUC-Rio, através do professor Luis Vicente Barros.

FICHA TÉCNICA

REALIZAÇÃO

Associação Comunitária do Córrego dos Januários PRESIDENTE

Adélia Maria Pereira

COORDENAÇÃO DA PASTA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Maria de Lourdes Souza GIPS - Grupo Interdisciplinar de Pesquisa da Subjetividade Departamento de Psicologia - Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro

COORDENAÇÃO GERAL

CONCEPÇÃO E COORDENAÇÃO DO PROJETO Denise Sampaio Gusmão

CURADORIA
Denise Sampaio Gusmão, Luis Vicente Barros, Marcela Carvalho e Maria de Lourdes Souza

DESIGN DA EXPOSIÇÃO Luis Vicente Barros e Marcela Carvalho

EOUIPE DE MONTAGEM E ILUMINAÇÃO

Luis Vicente Barros e Giuliano Balsini

DESIGN GRÁFICO

Marcela Carvalho e Roberta Guizan

COSTURA E BORDADO Marcela Carvalho

PINTURA DAS ALMOFADAS Crianças do Clubinho de Leitura do Córrego dos Januários

CONFECÇÃO DOS BARRADOS DE BARBANTE DOS ESTANDARTES

Adélia Maria Pereira, Terezinha Jacinta da Silva, Judith Conceição de Souza Siqueira

CONFECÇÃO DOS BALAIOS

SELEÇÃO DE TEXTOS E IMAGENS

Denise Sampaio Gusmão, Edervanio de Souza Lucas, Maria de Lourdes Souza

FITAS ESCRITAS

Dayane Ribeiro Oliveira, Edervanio de Souza Lucas, Edilâine Oliveira Martins e Janderson Mike Dias Ribeiro

CRIAÇÃO DO PROJETO GRÁFICO DOS POSTAIS E DA MARCA CARTA PARA-TI

ARTE FINAL DA IMAGEM DE APRESENTAÇÃO DO PROJETO CARTA PARA-TI

Renata Alves

PROJETO GRÁFICO DO CONVITE E CARTAZ

COLABORAÇÃO NA PRODUÇÃO DE CAMISETAS E CONVITES

PROJETO GRÁFICO DOS LIVROS

'A Grafia do Olhar e Carta para-ti

Ana Andrade "Família Januário"

Aline Jobim
"A História da Família Januário"

Roberta de Lacerda Medina

REFORMA DA CASA

Argeu José de Souza, Carmo de Souza Lucas, Dásio de Oliveira Duques, Geraldo Alves Pereira, Geraldo Quirino Cunha, João Martins da Costa, José do Carmo Pereira, Nelson Brás de Siqueira, Romildo Damião, Zito Mesquita de Souza

MARCENARIA

José Maurício de Siqueira

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

GIPS - Grupo Interdisciplinar de Pesquisa da Subjetividade, Departamento de Psicologia da PUC-Rio

Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga

Usicultura - Instituto Cultural Usiminas Professor Augusto Sampaio, Vice-Reitor Comunitário da PUC-RIO E a toda a Comunidade do Córrego dos Januários

8.4 Jornal da PUC





Cultura popular revivida no interior de Minas

Por: Carlos Heitor Monteiro / Fotos: Ana Andrade

Denise Gusmão, doutoranda em Psicologia pela PUC-Rio, e Maria de Lourdes Souza, aluna do Departamento de Letras, precisaram de muita doçura, sensibilidade, simplicidade e delicadeza para tornar seu sonho realidade. Desde 2002, elas vêm escavando e registrando a memória do Córrego dos Januários, povoado com 200 habitantes do interior de Minas, para impedir que ela se perca com o passar do tempo. A concretização da pesquisa aconteceu em 30 de agosto, com a inauguração da Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários. "Mais do que nunca é necessário criar lugares onde as imagens, as palavras e os pensamentos possam ter sua morada", explica Denise.

Publicada em: 11/09/2008

JORNAL DA PUC Publicação Quinzenal Editada pelo Projeto Comunicar

Publicada em: 11/09/2008 às 19:00

Especial

Cultura popular revivida no interior de Minas

Carlos Heitor Monteiro / Fotos: AnaAndrade



Acima, a fachada da Casa de Memória. Embaixo, a exposição com as histórias do local e Dona Guilhermina segurando a imagem de Sant'Ana

Cerca de dez horas de viagem de carro separam o Rio de Janeiro do município de Inhapim, no interior de Minas Gerais. A cidade, cujo nome homenageia um passarinho da região, tem sete mil habitantes e é cenário de uma rivalidade política histórica entre os Pica-pau (PMDB) e os Corta-güela (DEM). De Inhapim, são seis quilômetros, a maior parte em estrada de terra, até Córrego dos Januários, localidade com apenas 200 habitantes que tem sido palco de um fascinante renascimento cultural. O ponto máximo desta renovação foi a inauguração da Casa de Memória e Cultura de Córrego dos Januários, em 30 de agosto, com apoio do Departamento de Psicologia e da Vice-Reitoria Comunitária da PUC-Rio.

Tudo começou graças ao sonho de Maria de Lourdes Souza, escritora e aluna de Letras da PUC-Rio. Maria de Lourdes, mais conhecida como Toquinha, é nascida e criada no Córrego dos Januários, lugar que lhe serve como fonte de inspiração literária. A partir do ano 2000, ela passou a se preocupar cada vez mais com a sobrevivência da memória e da cultura de seu povo, que corriam o risco de se perder com o envelhecimento e morte dos moradores mais velhos. Outro elemento decisivo para desencadear um processo de ruptura no modo de vida local foi a chegada da luz elétrica, em 1984. Apesar de todos os benefícios, o advento da energia elétrica provocou mudanças que abalaram a convivência e a troca de experiências entre os habitantes do povoado.

Toda a angústia de Toquinha sensibilizou a psicóloga Denise Sampaio Gusmão, que, na época, era mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio. "Meu primeiro contato com o Córrego foi por meio da escrita de Toquinha, que me impressionou muito", diz Denise. Em abril de 2001, ela fez sua primeira viagem ao local, com o desafio de registrar as histórias e costumes que pareciam estar se perdendo. "Nossa chegada vinha sendo aguardada por todos com certa ansiedade e muita

curiosidade. Afinal, eles ainda não tinham entendido muito bem o que os amigos de Toquinha, vindos do Rio de Janeiro, queriam tanto fazer ali", comenta a pesquisadora.

Essa foi a primeira de muitas viagens e o início de um processo escavatório em busca de uma memória que, apesar de ameaçada, ainda permeava a vida dos habitantes locais. "Fomos ao encontro do passado sabendo que as lembranças só fazem sentido quando entram em diálogo com o presente e com os acontecimentos cotidianos", explica Denise. A pesquisa incluiu também a realização de oficinas de fotografia e memória com os moradores do Córrego, com o intuito de criar um acervo de contos e imagens que registrassem a história do povoado. O impressionante é que Denise e Toquinha iniciaram o trabalho num momento crucial. "Muitas pessoas fundamentais morreram logo depois. Se a gente tivesse chegado dois anos mais tarde, esse trabalho não poderia ter sido feito", conta Denise.

A pesquisa de Denise Gusmão resultou em sua dissertação de mestrado, intitulada *Por uma estética da delicadeza: ressignificando contos e imagens nas roças de Minas.* Ela concebe o conceito de delicadeza sob dois sentidos. "Um fala de uma percepção poética do mundo, revelada tantas vezes pela grafia do olhar de crianças e adultos do Córrego", explica. "O outro nos leva ao cuidado e à humildade. O terreno da memória é delicado e, por isso, exige delicadeza da parte daquele que se aventura a escavá-lo", completa. Atualmente, Denise trabalha em sua tese de doutorado, que dá prosseguimento à pesquisa no Córrego, sob orientação da professora Solange Jobim e Souza.



Em sentido horário: procissão mostra a força da fé no Córrego; Denise com um sorriso de "missão cumprida"; a cruz ornamentada pelos moradores do local; Toquinha faz a inauguração da Casa

Oficina de Memória e Projeto "Carta para-ti"

O escritor uruguaio Eduardo Galeano assim se expressou a respeito da memória: "Um refúgio? / Uma barriga? / Um abrigo para esconder-te quando a chuva te afoga, / ou o frio te corta, ou o vento te faz rodar? / Temos um esplêndido passado pela frente? / Para os navegantes com vontade de vento, a memória é um porto de partida."

Durante o trabalho de campo no Córrego dos Januários, uma iniciativa essencial foi a Oficina de Memória, que propôs um diálogo entre gerações diferentes por meio do ato fotográfico. O projeto "Carta para-ti" transformou em postais o material produzido pelos fotógrafos de primeira viagem do Córrego, com o objetivo de estabelecer uma rede de comunicação não só entre os moradores locais, mas também com pessoas de outros lugares cujas histórias compõem a enorme diversidade cultural brasileira. O projeto gráfico dos postais foi concebido por Luiza Kramer, aluna do Departamento de Artes e Design. da PUC-Rio.

Este projeto possibilitou que os "januários" saíssem de sua terra e interagissem com os participantes da Flipinha, a versão infantil da Festa Literária Internacional de Paraty; do

Paiol de Histórias, projeto da Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga em Petrópolis; e do PUC PELA PAZ. "Após a morte de vários membros mais velhos da comunidade, houve um momento de desvalorização muito forte, em que as pessoas do Córrego duvidaram da importância de preservar sua memória", explica Denise. Segundo ela, essa saída foi essencial para a percepção de que as histórias deles importavam para outras pessoas. "Nesse momento, houve uma apropriação do valor e da riqueza do Córrego", conclui.

Córrego ontem e hoje

Um dos aspectos mais interessantes do projeto é o envolvimento da comunidade durante todo o processo. Muitos percebiam que a convivência estava se tornando cada vez mais rara e que era importante resgatar os valores da região. "Antes da luz elétrica, o povo era mais unido. A turma se juntava sempre pra novena, pro forró... Hoje, o pessoal prefere ficar em casa vendo TV", diz Adélia Pereira, moradora do Córrego. Dona Marlene de Souza Pereira, irmã de Toquinha, acrescenta: "A maneira de viver hoje é muito diferente – é uma vida cansada. A gente tinha tempo para conversar, para dar atenção uns aos outros, para sentar e ouvir uma história que durava horas. Tentei criar meus filhos assim, mas é muito difícil".

Jupira José de Souza, professora de Língua Portuguesa, também se recorda da criação que recebeu de seus pais. "Nós fizemos curso superior, mas não temos a sabedoria que nossos pais tinham. Dentro da simplicidade, eles viveram bem e tranqüilos", diz. Dona Guilhermina Pereira, uma das mais antigas residentes do povoado, se queixa de que, quando quer se lembrar de algo do passado, é difícil encontrar alguém que possa ajudar. "Há 50 anos, a gente saía para ajudar uma comadre na hora que fosse, e levava um tiçãozinho de fogo pra alumiar", lembra. "A gente não tinha medo de nada, só de onça e cobra. Hoje tem a luz e a gente pode sair a qualquer hora da noite. Mas agora nós temos medo do bicho homem", diz.

Entre os jovens também percebem-se sinais de entusiasmo. "Acho que conhecer a tradição serve para a gente ir além e descobrir coisas novas", diz Rafael Adriano Silva, 15 anos. Jeanderson da Costa, 13 anos, prefere andar de bicicleta a ver TV. "Passar o tempo sozinho é esquisito. Prefiro ficar com meus amigos", conta. Essas são algumas pistas de que o medo que dona Guilhermina sente pode dar lugar ao que disse o amazonense Thiago de Mello: "Fica decretado que o homem / não precisará nunca mais / duvidar do homem. / Que o homem confiará no homem / como a palmeira confia no vento, / como o vento confia no ar, / como o ar confia no campo azul do céu."

Do sonho à realidade

Em seis anos de pesquisa, o desejo de construir uma casa de abrigo das memórias cresceu e tomou forma. Agora, a Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários funciona na casa onde Toquinha e suas irmãs nasceram e cresceram. "Como nenhuma de nós mora aqui, achamos por bem abrir mão da casa para benefício da comunidade", explica Toquinha. "No começo, achava que a preservação era um delírio meu. E hoje todos estão recebendo esse presente", diz. Isso lembra outro trecho de Thiago de Mello: "Pois aqui está a minha vida. / Pronta para ser usada. / Vida sempre a serviço da vida. / Para servir ao que vale / a pena e o preço do amor".

No dia da inauguração, houve uma procissão, seguida de missa, em que os moradores entoaram hinos tradicionais. A Casa de Memória apresentava uma exposição com estandartes de lona de algodão que contavam uma parte significativa da História do Córrego. A produção e montagem ficaram por conta de Luis Vicente Barros, professor de Design da PUC-Rio, e da designer Marcela Carvalho. A proposta era manter o formato original da casa. "Tentamos aproveitar ao máximo as tecnologias e materiais do Córrego, como o bambu, o coité e o barro branco", explica Vicente.

Para Denise, o espaço não deve ser um lugar somente para abrigar o acervo, mas, sobretudo, para ser um local de encontro e celebração. A julgar pela opinião dos moradores do Córrego, a preservação do Espaço está garantida. "Vai ser muito difícil

alguém entrar aqui e não sair com outro sentido. Tudo aqui dentro só traz coisa boa", afirma dona Marlene. "A Casa é a fonte de riqueza da comunidade", prossegue a catequista Janaína Assis. O jovem Jardel Frias resume: "Se a gente não souber a história de onde a gente vive, esse lugar pode ser um tipo de lugar qualquer". A Casa de Memória também abriga o Clubinho de Leitura, que reúne as crianças do povoado todos os sábados para incentivar a formação de leitores.

Mário Quintana, no poema *Operação alma*, escreveu: "Uma curva do caminho, / Anônima, / Torna-se às vezes a maior recordação de toda uma volta ao mundo!" O povoado de Córrego dos Januários é essa curva anônima, perdida no interior das Gerais, com uma história comovente e riquíssima. Impossível não se apropriar das palavras de Toquinha:

"As últimas despedidas, as inevitáveis lágrimas. O ônibus sai e lá, entre as montanhas, vai ficando um pedacinho de mim.

Sinto, então, que cresceu a minha coleção de emoções".

Edição 205

Powered by Publique!

8.5 Carta de Solange Jobim e Souza



Figura 278 - Denise e Solange na noite de inauguração da Casa de Memória e Cultura (Foto Ana Andrade)

Quem se dispõe a contar uma história participa da vida da palavra e da memória, mas, essencialmente, assume um compromisso com o futuro. A Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários, inaugurada em 30 de agosto de 2008, é a materialização de um desejo coletivo. O ponto de partida foi o reconhecimento de seus habitantes de que nenhum fato, por mais simples que seja, pode ser considerado perdido para a história. O relato a partir de palavras e imagens, fragmentos de memória dos habitantes de uma localidade, é também um modo de tecer uma grande história, porém, de um modo diferente dos registros guardados em museus, que, via de regra, acabam por impor uma história oficial. Na maior parte das vezes, a história oficial é escrita com base no ponto de vista de poucos, sem a devida consideração pela riqueza de relatos das testemunhas que podem ser convocadas localmente. A diversidade de olhares e de interpretações, que surgem a partir dos relatos das testemunhas, confere uma densidade de outra natureza aos acontecimentos da vida cotidiana. A voz humana faz o passado surgir

no presente de maneira extraordinariamente imediata. As palavras insuflam vida na história. Além disto, a história oral propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, ao mesmo tempo em que contesta o relato único, tido como verdadeiro pela história oficial. Ao fazê-lo, a história oral tem um compromisso radical em favor da mensagem social, devolvendo ao homem comum o direito de ser reconhecido como protagonista da história como um todo. Foi com esta perspectiva, a da escuta daqueles que se dispuseram a relatar suas lembranças, em palavras e imagens, que esta Casa de Memória e Cultura foi concebida. A história não é um lugar vazio e homogêneo, definido para todo e sempre em um passado que se foi, mas, ao contrário, um espaço de revelações surpreendentes, lugar de transformação das reminiscências em palavras e imagens. A história é o lugar de conciliação do passado com o presente, apontando perspectivas de futuro.

Hoje, de posse deste espaço, os habitantes desta comunidade, crianças, jovens e mais velhos, se vêm frente ao compromisso de dar continuidade à busca de sentidos da sua própria origem em permanente mudança. Entrar na morada da memória significa tomar consciência do modo como cada vida singular é parte de uma história maior. A história de uma comunidade não se esgota nunca. Cria sempre um novo começo a partir do encontro dos relatos entre as gerações. As origens são múltiplas e a verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. Fixar é o grande desafio. Capturar as imagens do passado no momento em que são reconhecidas coletivamente. Este momento é o do encontro do narrador com a escuta daquele que acolhe com sabedoria as histórias lembradas, preciosidades que devem permanecer reverberando sentidos na grande temporalidade. Humanizar a experiência humana é lembrar e contar as múltiplas versões que a vida pode e deve ter.

Rio de Janeiro, 15 de setembro de 2008 Solange Jobim e Souza

8.6 Carta de Toquinha



Figura 279 - Toquinha e Denise (Foto Ana Andrade)

Ouvir, ver e contar histórias...

Ouvir histórias na infância foi minha maneira de entrar em contato com o imaginário, com o poético, num lugar que pra mim ainda hoje lembra poesia mesmo nas mais simples e pequenas coisas. A poeira no chão, as miúdas flores vermelhas no meio do capim gordura rigoroso do inverno daquele meu pedaço de mundo. Poesia. O casarão centenário onde viveram as quase lendárias *Tias Nena* ainda hoje é lembrança de presépios aguardando visitas no Natal. Poesia. Bailes que só terminavam com o raiar do dia. POESIA. Histórias de assombração, histórias de AFETO. Ouvir e contar histórias era brincadeira de criança, troca de saberes entre meninos e meninas, e nós hipnotizados pelas histórias do tio Geraldo Domingos. E foram essas mesmas histórias, e outras submersas naquele chão ainda desconhecidas, que levaram Denise Gusmão pras Gerais num trabalho delicadamente responsável em que ela mergulhou fundo trazendo à tona um fio de raízes profundas onde agora brotam em esperanças de novos encontros, de autoreconhecimento e de muitas novas histórias construídas de sabores e saberes compartidos. Partilhamento de vidas que se querem próximas, ligadas por desejos

muito legítimos de que a nossa vida seja um despertar de novos horizontes. Nosso *Córrego* hoje está grávido de memórias, em plena construção de um novo tempo.

Olhar a *Casa de Memória do Córrego dos Januários*, passear por entre os estandartes lendo histórias da minha gente enche-me de emoção, da sensação do dever cumprido, de estar no berço onde nasci e de onde jamais saí, ainda que viva a maior parte do meu tempo a quilômetros de distância, entre o *Córrego* e o *Rio*.

Desfeito o laço de fita branca, aberta a porta da nossa casa, estão abertos caminhos vários para um outro olhar sobre nós mesmos, januarenses ou forasteiros que nos dêem o prazer da visita, bem ao estilo mineiro, pra um café e uma boa conversa. A *nossa casa* hoje é lugar pra uma boa prosa e um bocado de poesia.

E que saibamos ser acolhedores, construtores de uma história sempre nova e sempre ligada ao passado. Reminiscências.

Sorrio por entre lembranças que são mais do que recordações, são trampolim para outros mundos, para outras *felicidades*. Caminhos que não queremos caminhar sós.

Primeiro dia de primavera de 2008. Maria de Lourdes Souza